

A CONGADA DE UBERLÂNDIA: TRADIÇÃO, COSTUMES, VALORES, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ORDEM MORAL

THE CONGADA OF UBERLANDIA: TRADITION, CUSTOMS, VALUES, SOCIAL REPRESENTATIONS AND MORAL ORDER

Marli Graniel Kinn

Professora Doutora e Coordenadora do Curso de Geografia
junto à Universidade do Estado de Minas Gerais.

mgkinngео@usp.br

RESUMO

O trabalho sobre a Congada abordou a cidade e a condição sócio-cultural e espacial das pessoas que fazem a festa. Concentrando-se nos fazeres humanos, decorrentes de práticas sociais que proporcionaram à comunidade conquistas importantes em relação ao direito à cidade, chegamos ao cotidiano e ao modo de vida. Destacamos as formas de organização das pessoas e dos ternos de Congada na cidade, suas estratégias, arranjos, até atingirmos os conteúdos e a substância das manifestações e representações dos negros em Uberlândia – MG. Desse modo, o estudo da Congada nos permitiu conhecer o modo de vida dos congadeiros, suas estruturas, heranças históricas, idéias, as quais continuam influenciando e transformando a consciência das pessoas e os processos que as redefinem em relação às vizinhanças, aos lugares, às redes sociais e à cidade.

Palavras-chave: Congada, costumes, tradições

ABSTRACT

This research paper investigates the Congada's connection with the city and with the social-cultural background of the people who are participating in this party. The paper focuses on identifying current human practices, which originated from customs and traditions that assisted the community in attaining crucial victories concerning their rights within the city, while also establishing the foundation for the community's current way of life. The research paper also highlights the organization of people within this event, the strategies used to execute the event, and the structural division of the party, so as to finally study the contents of the manifestations and demonstrations of the black community in Uberlândia-MG. By observing the Congada from many different angles, it was possible to profoundly understand the current way of life of the congadeiro, his structures, inheritances, ideas, which continue to influence and transform the consciousness of people and the processes that redefine them in relation to the neighborhoods, to the places, to the social networks and to the city.

Key-words: Congada, customs, traditions

INTRODUÇÃO

Localização e aspectos metodológicos acerca da problemática abordada

Em Uberlândia, cidade situada acerca de 800 quilômetros da capital mineira, as Congadas ainda constituem um ponto bastante forte a tudo o que se possa considerar identidade de grupo racial, étnico e religioso da região do Triângulo Mineiro.

A Congada para os negros de Uberlândia é uma festa oficialmente afro-católica. Entretanto pode parecer ambígua quando se busca entendê-la pela ótica do cristianismo, uma vez que sua origem está na religiosidade africana. Tal ambiguidade não é apenas aparente, ela é uma manifestação do sincretismo religioso. A Congada é uma fusão de rituais e crenças que se apresenta na cidade como manifestação racial de um grupo que historicamente tem se mantido com suas identidades culturais. Sendo assim a sua principal característica é ser um folguedo que se realiza pela mistura.

As Congadas em Uberlândia, presente no calendário das festas do município, são apreciadas inclusive pelos “brancos” da cidade. Como parte integrante do calendário festivo ela acontece entre os meses de outubro e novembro e ocupa as ruas principais do centro da cidade.

Porém, antes da festa, a Congada é marcada por rituais que antecedem a sua manifestação em público. Um mês antes de a festa acontecer, os ternos começam seus ensaios para louvar Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Sabe-se que para alguns ternos os Santos têm características milagrosas tornando-se necessário analisá-los, levando-se em conta uma série de pontos básicos a respeito da religiosidade.

Como o objeto do estudo neste texto foi concebido na perspectiva da investigação cultural, pretendemos analisar a continuação da Congada em Uberlândia. Nesta perspectiva, o nosso trabalho terá por objetivo discutir a festa e a cultura dos negros de Uberlândia, dos congadeiros como pessoas diferentes dos seus descendentes rurais, ou seja, proletários urbanos que cultivam suas identidades a partir de costumes e tradições herdados do rural e transpostos para a cidade.

A partir do levantamento bibliográfico realizado, há uma literatura extensa sobre este assunto e não cabe discuti-la agora, porém, apenas situar que as Congadas de Uberlândia podem ser consideradas como uma manifestação cultural, cujo todos os rituais a elas ligados têm vários significados que implicam em entender por que os costumes e tradições das comunidades dos

ternos de saírem às ruas continuam.

Desse modo, a metodologia proposta para a pesquisa foi sendo concebida na perspectiva da investigação do modo de vida dos congadeiros, principalmente das relações que eles estabelecem no cotidiano, para viver na cidade.

A investigação do modo de vida compõe o essencial deste estudo. De um ponto de vista da história desse conceito, entendemos que é necessário fazer algumas incursões ao vivido das pessoas. A metodologia utilizada considerou o movimento das interações culturais e tivemos cuidados especiais ao observar as ações expressas na construção das manifestações de saberes, habilidades e conhecimentos, os quais expressavam identidades e pertencimentos, principalmente em relação aos lugares de moradia, e de conquistas com relação aos espaços da cidade, para se fazer a festa.

Ao trabalhar com a complexidade das manifestações culturais dos congadeiros, direcionamos a atenção para as emoções, sentimentos, ou seja, para os modos de sentir, pensar e de agir das populações, em relação aos padroeiros, a sua religiosidade, bem como em relação aos lugares em que vivem.

Para desenvolver este texto procuramos conversar principalmente com as pessoas mais antigas da Congada. Percebemos nos depoimentos reclamações e saudosismos em relação às mudanças e um sentimento que misturava reconhecimento de perdas de algumas práticas comunitárias. Procuramos gravar e anotar tudo que estas pessoas tinham a dizer a respeito das Congadas. Verificamos nas falas das pessoas que muita coisa tem sido feito para manter a manifestação, mas também muito de seus aspectos, principalmente, simbólicos foram se perdendo.

Dentre as atitudes e estratégias mais relevantes, está no fato de não se aceitar o branco nos ternos e incentivar a participação das crianças nas festas da comunidade. Neles a comunidade se apresenta como uma força política que reproduz relacionamentos mediados por disciplinas coletivas em relação aos Santos e designam responsabilidades para os seus membros, cujo objetivo é desenvolver atividades dentro do terno que representa interesses da irmandade.

Na perspectiva de compreendermos as formas de garantir a realização dos festejos, consideraremos a organização comunitária, a ajuda mútua, a reciprocidade e a doação, principalmente de tempo e de saberes, de cada congadeiro.

As estratégias para realizar as campanhas para arrecadar os adjutórios resultam como sobrevivência de práticas de outros tempos, sobretudo o da vida rural.

Em face da existência de estratégias, e também como motivação própria pela Congada, iniciamos um trabalho visando registrar a maior quantidade de costumes referentes a elas, como também tecer algumas comparações com as informações pesquisadas de épocas anteriores.

Os objetivos principais da pesquisa de campo estão na fidedignidade de todas as informações coletadas, de forma a não transgredir os limites de pureza e autenticidade dos falares dos sujeitos da pesquisa.

A partir desta experiência proporcionada pelo trabalho de campo, entendemos que a Congada é uma manifestação social, onde há um universo de escolhas proporcionado por vivências históricas de produção, circulação e consumo de sentidos e de valores, os quais não podem ser relegados às esferas do supérfluo da existência, ainda que revestida de coloridos, brilhos e prestígios. O estudo da Congada em Uberlândia, pode dar ao trabalho, além de um cunho investigativo, descobertas relacionadas as necessidades sociais que determinam a sobrevivência orgânica, psíquica e social desta manifestação.

Durante a pesquisa procuramos fazer comparações das falas, quando os pesquisados em seus depoimentos se mostravam inseguros e confusos a respeito das suas memórias sobre a Congada. Pensamos que tal procedimento tornou a pesquisa de campo mais detalhada e envolvente. Assim a comparação foi um dos procedimentos para que as informações fossem coletadas sem sofrer interferências prejudiciais de qualquer informante.

Além de todas as observações feitas durante o trabalho de campo, o maior impulso foi dado quando teve início o contato com as pessoas mais idosas e que tem funções importantes dentro da Congada, definidas justamente pela experiência dos anos.

As informações obtidas com essas pessoas nos levaram a conhecer as estruturas da Congada, assim como as funções que cada ancião desenvolve. Conhecemos os compositores, os reis, as rainhas e uma figura muito curiosa, o fogueteiro.

Com o conhecimento dessas pessoas, procuramos traçar outras metas para o desenvolvimento da pesquisa. Durante mais alguns trabalhos de campo, nos dedicamos a conseguir as informações relacionadas aos compositores do congo. Muitas vezes, quando conseguia que alguns membros cantassem as músicas, outros nos prometiam escrevê-las. Agindo assim, surgiram várias músicas cantadas e escritas que precisam ser agregadas a pesquisa, pois o orgulho que os pesquisados expressavam ao registrar as suas “criações” nos proporcionaram a

utilização de todas as informações sem deixar de registrar nenhuma delas.

Assim, pouco a pouco procuramos fazer transcrições das letras seguindo a sequência de entrevistas. Outro aspecto importante da pesquisa foi as entrevistas feitas a partir das fotografias em álbuns das famílias. A partir dos registros fotográficos as pessoas falavam dos diversos significados dos rituais da Congada. Com as fotografias, pensamos ter obtido contato com vários detalhes que muitas vezes não soubemos identificar nas falas dos pesquisados.

Desse modo, entendemos que as fotografias foram sumamente importantes na coleta de informações para estabelecer os sentidos dos rituais, vestimentas, e as cores de cada terno.

Sem dúvida, a Congada é uma manifestação resultante de processos, cujos engajamentos são sociais e dinâmicos. É uma manifestação que se sujeitou a constantes modificações que seguramente continuam gerando desafios. Entretanto, a sua existência como aspecto cultural de uma raça ou mesmo à manutenção de tradições, está vinculada a modos de vida que se manifestam em Uberlândia, também como modo de uso da cidade. A cidade pode significar o progresso, a urbanização, representados no individualismo da vida urbana, os valores urbanos contradizem aqueles impostos pela tradição, a modernidade talvez esteja destituindo o homem de suas crenças e reforçando a sua sensação de fragilidade, devido à perda de sentido da sua vida.

A proliferação de templos ou manifestações religiosas talvez se explique pela necessidade do homem de resgatar suas tradições, as suas crenças para viver em um mundo que tenha sentido, portanto, a força da religião se torna cada vez mais importante para o homem.

Neste contexto, as festas religiosas ainda permanecem como resistência e também como manifestação cultural do homem que procura cultivar sua identidade, que no caso da região do Triângulo Mineiro está muito ligada à vida rural.

A Folia de Reis enquanto costume Ibérico foi trazida pelos portugueses, sendo readaptada e recriada em terras brasileiras. Câmara Cascudo ressalta o seu caráter camponês, ao afirmar que o objetivo dos foliões era pedir proteção divina para as práticas agrícolas desenvolvidas em Portugal.

Em contraposição à congada que é conhecida como uma “festa de negros”, a Folia de Reis representa uma das formas possíveis de miscigenação cultural no Brasil. De acordo com Pereira: “(...)” a Folia de Reis, que nasce Ibérica, cresce e desenvolve como brasileira, com forte influência da tradição africana. O gosto e o entusiasmo do negro pelos autos natalinos não ocorrem somente no Brasil. Roge Bastide (1951) tenta explicar esse interesse pela participação

no sagrado pela necessidade do escravo de ter alguma forma de poder: a inversão dos papéis da sociedade para o imaginário faz com que os negros das classes pobres se transformem nos conhecedores dos mistérios e da magia, ocupando uma posição de domínio do poder simbólico.

Costumes, tradições e ordem moral da Congada em Uberlândia.

A herança cultural de determinadas classes sociais é marcada pelo costume. Costumes que representam a legitimação de um modo de ser de grupos sociais, manifestados por meio de reivindicações de novos direitos e de enfrentamento aos pré-conceitos e imposições das classes dominantes. Recorrendo, neste estudo, ao historiador Thompsom (1998), sobre os Costumes em Comum da Inglaterra do século XVIII, entendemos que eles funcionam como referenciais éticos e morais de uma classe e que de certa forma estabelecem princípios e valores para efetivar reivindicações de várias ordens. A cultura plebéia tem nos costumes o seu referencial de aprendizado. As sabedorias, o saber prático e o conhecimento eram heranças transmitidas entre gerações que se diferenciavam da educação formal consentida aos patrícios. De alguma forma muito sofisticada, talvez pela pedagogia materna e familiar, as tradições eram perpetuadas pela transmissão oral. Trata-se de um cultivo dos costumes dentro de uma cultura que não se sujeitava ao domínio ideológico dos governantes. As normas morais da plebe são definidas dentro da classe que resiste em nome do costume. De uma ordem moral baseada em um conjunto de normas e obrigações recíprocas, de idéias de justiça e bem-estar social, enfim de uma ética a orientar a conduta dos indivíduos de comunidades relativamente pequenas e integradas.

A história das comunidades negras na cidade de Uberlândia é complexa, elas têm resistido, historicamente, a pressões sucessivas dos diferentes pré-conceitos e segregação racial advindos das várias instâncias da sociedade uberlandense.

O cultivo dos seus costumes é transmitido por meio do sincretismo religioso, das atividades culturais nos bairros do entorno dos ternos que são grupos de pessoas que têm dentro da festa da Congada uma identidade com os símbolos do evento e na cidade uma localização espacial nem sempre periférica. Os ternos são formas sócio-espaciais de organização dos congadeiros que além de juntar os negros da cidade em torno de símbolos religiosos, promovem a doação da festa à cidade.

Como os ternos mantêm entre os seus membros alguns costumes em comum, a Congada, objeto de estudo de vários cientistas sociais, já foi caracterizada, mais de uma vez como própria dos negros brasileiros. Considera-se como tal o grupo afro-católico de cultura popular, trajando um uniforme que pode ser um calçado tipo tênis branco, calça branca, blusão da cor representando o terno a que pertence em tecido acetinado, chapéu ou turbante, ambos enfeitados com fitas coloridas, medalhas de santo, pedaços de corrente, dentre outros. O grupo também se caracteriza pelo ritmo do toque de seus instrumentos (viola, caixa, pandeiro, ripilique, apito, surdo, sanfona). Cantando e dançando, seguem pelas ruas da cidade imprimindo o ritual da festa. Em Uberlândia encontramos quatro grupos de congos e eles se dividem em quatorze ternos.

Atualmente os grupos de ternos se identificam pelas cores de seus uniformes e pelo ritmo da batida de seus instrumentos de percussão. Cada terno é caracterizado por uma vestimenta, onde as diferenças usadas para a discriminação são os blusões, sainhas, chapéus, bastões, fitas, instrumentos e ritmos musicais.

Por essa vinculação, embora sendo uma festa para Nossa Senhora do Rosário, os rituais populares realizam-se nos dias dos santos de cor negra, como São Benedito e Santa Efigênia. As suas tradições são perpetuadas pela transmissão oral e sua herança passada entre gerações pelos pais e avós.

As manifestações dos ternos tornaram-se resistentes porque a história oral dessas pessoas é muito presente nos seus falares e remontam experiências vivenciadas pelos pais e avós.

A história oral dos congadeiros registra a chegada da Santa, como ela se torna uma madrinha dos negros, e como ela é conquistada pelos rituais dos congadeiros. Na verdade são rituais que tendem a permanecer e a se reproduzir pela religiosidade e também pela inclusão das crianças deste a mais tenra idade.

Os entrevistados insistiram em contar as suas estratégias, onde tudo que fazem e enfrentam para manter a Congada parece ser pensado e se materializa como sendo parte importante do modo de vida das pessoas. Agir para preservar, resistir e lutar é também uma forma de manutenção das características religiosas, dos rituais e das festas que implicam em identidades e uso da cidade.

A família, enquanto coletividade que se afirma nos encontros que reafirmam a identidade com a cultura negra nos bairros da cidade, é soma de heranças culturais, esforços individuais e comunitários que vão se confirmando na conquista de espaços para a realização da festa na cidade.

Entendemos que os costumes e a tradição de se fazer as festas não necessariamente apresentam uma continuidade com o passado. As festas nos domínios da comunidade, entre outras visões, é explicada por situações que implicam na suspensão das distâncias entre os indivíduos, na produção de um estado de efervescência coletiva e na transgressão das normas coletivas. A manifestação do individual e do coletivo na doação da festa aparece também como um conjunto de estratégia.

Na verdade, em todos os lugares por onde passa a Congada contempla a vitória de se realizar a festa, a qual somente torna-se possível pela devoção de fé e de doação das prendas que cada membro pode dispor sem ter que comprometer a reprodução da sua família.

A festa é uma realização que chega às ruas implicadas em desafios, onde o grupo reconhece-se como vencedor de enormes dificuldades. Como a festa é também uma doação, um momento importante é de admiração, contemplação e envolvimento.

Portanto, recorrer a tais fundamentações cria expectativas de se encontrar, na Congada, um movimento que não nega o passado nem o repete. Em verdade a festa continua, mas continua fundamentada em costumes e tradições que sofrem a todo o momento adaptações em relação ao tempo e ao espaço da cidade. Pensamos que há no processo de se fazer a festa uma combinação implícita e explícita de conteúdos culturais históricos e espaciais de origem rural que foi sofrendo várias adaptações que decorrem de estratégias políticas para a manutenção e tradição das Congadas.

Nesta perspectiva, as identidades da festa podem estar sendo redefinidas na família e na comunidade. As famílias dos congadeiros, embora vivendo em contexto bastante diverso da família camponesa pode indicar alguns pontos de reflexões. Para o autor Klaas Woortmann no texto (1990) “Com Parente não se Neguceia” a família camponesa é pensada em relação à ética e aos valores decorrentes da moralidade. Mais especificamente, o campesinato é estudado tendo como problemática a sua ordem moral. O autor analisa a família como uma unidade de produção dotada de valores éticos e morais, ou seja, que se expressa como valor-família, intrinsecamente ligado a valores comunitários. A comunidade é vista como um território de reciprocidade, um espaço de troca, de ajuda mútua que está posta pelas relações sociais. A cultura da família camponesa, enquanto acervo de valores é tomada como referência para se pensar como ela se vê e se organiza no mundo.

Para o autor, a família, a comunidade e o mundo camponês são regidos por uma ordem moral que pode ter a sua compreensão aprofundada através de sua ética. Em Uberlândia as

famílias que fazem a festa da congada são urbanas, vivem na cidade, adquiriram hábitos urbanos, mas, no entanto, fazem a festa da Congada utilizando-se da ajuda mútua, da solidariedade e reciprocidade entre seus membros.

A festa tem que ser marcada pela fartura e pela doação e desde o fim da escravidão, os negros ao se deslocarem para a cidade, criaram arranjos espaciais que permitiram aos membros das famílias residirem em um mesmo terreno.

Mesmo tendo a cidade como moradia, a moral e a ética da família dos congadeiros se assemelham com a das famílias e comunidades camponesas estudadas por Klaas Woortmann. Além de morarem no mesmo terreno a família dos congadeiros se diferenciam enquanto grupo social, ou seja, preservam certa autonomia e estão dissociados da dependência do Estado. A conquista da festa trouxe a dissolução de qualquer possibilidade de dependência absoluta da comunidade a qualquer instituição. A festa como doação persiste, pois entre os familiares existe um acordo, mesmo que tácito, de doar-se para a festa.

As dificuldades existem, são de toda ordem, inclusive de lugares para ensaiar as batidas dos tambores. Na perspectiva de compreendermos as formas de garantir a realização dos festejos, consideraremos a organização comunitária, a ajuda mútua, a reciprocidade e a doação, principalmente, de tempo e de saberes de cada congadeiro.

Por tais razões entendemos que a comunidade dos congadeiros é sem dúvida uma poderosa instituição que se organiza por meio de uma ordem moral, de valores éticos, os quais fazem com que ela resista e mantenha viva as suas identidades com o terno, com a rua, com o bairro e com a festa.

Por outro lado, segundo Klaas (1990), quando rompem-se com valores tradicionais, quando os interesses familiares tornam-se particulares, o projeto coletivo da família deixa de existir. Quando os projetos individuais dos filhos são introduzidos, o indivíduo livre não obedecendo a tradição da família camponesa pode representar a dissolução da ordem moral.

Na espacialização dos ternos de congadas, sua organização, de fato produzida de modo rural e urbano não é totalmente individualista nem totalmente comunitária. Ao mesmo tempo, torna-se capaz e incapaz de encontrar saídas comunitárias para os seus problemas implicados na organização das suas manifestações culturais a partir da festa. Esta é uma situação social dos congadeiros em que as possibilidades de autonomia frente à festa que lhes são acessíveis, cotidianamente, são individualizadas, na medida em que as mediações em que vivem, e que se renova a cada dia, denunciam o enorme desencontro entre a comunidade, os congadeiros e a

cidade, entre os resultados do trabalho para se fazer e doar a festa e as condições de vida de cada pessoa na cidade.

Os congadeiros embora envolvidos na festa de forma consciente ou inconsciente pela luta política de direito à cidade, encontram-se em várias esferas da vida individualizados.

No processo de culto às tradições da Congada que os congadeiros realizam em seus ternos, não podem cobrar, de cada um de seus membros e de todos, coerência nas exigências de sociabilidade e reciprocidade política nas relações sociais que ultrapassam a festa.

A diferenciação dos conteúdos culturais e comunitários dos congadeiros é determinada pelos acervos culturais individuais de cada família e, portanto, pelo modo político de apropriação dos resultados da festa da Congada. A idéia de que a individualidade dos congadeiros conspira contra a comunidade, nega substancialmente, a função histórica, sobretudo de resistência, da comunidade negra de Uberlândia.

Como na moral camponesa, baseada em padrões éticos, em que o pai deixa de ser a totalidade da família para se tornar o pai patrão, percebe-se que a liberdade camponesa não é totalitária, está sujeito a ordem hierárquica e a existência de inúmeras tensões, não sendo o mundo camponês uma harmonia. No mundo congadeiro não é diferente, a comunidade muitas vezes submetida a carências de várias ordens, ao poder da religião católica, ou seja, ao domínio da igreja e do Estado, sofre inúmeras imposições.

A luta dos congadeiros por manterem-se autônomos às imposições da igreja e do Estado, não tem provocado isolamentos da comunidade em relação a essas duas instituições. A prefeitura de Uberlândia continua depositando na conta das associações de ternos, recursos sob a rubrica da subvenção social. Quanto a Igreja, ela continua presente no processo de se fazer a festa, sobretudo em seus momentos sagrados.

A relação da festa com a Igreja e com o estado acaba gerando novas habilidades, principalmente de negociar espaços e doações. Desta forma, a Congada continua produzindo e se afirmando não apenas por meio do sincretismo religioso, mas também dotada de habilidades políticas. Tal posição tem contribuído para produzir resultados animadores, principalmente, no sentido de restringir as tentativas de domínio da Igreja católica e do estado, sobretudo, em relação ao ritual sagrado e profano. A Congada em seus conteúdos religiosos, sobretudo sincréticos, está em combinação com sua forma exterior igualitária e, supostamente, católica.

Desse modo, a Congada como manifestação da cultura popular dos negros de Uberlândia não criou rompimentos com as duas instituições, Estado e Igreja. Ela, enquanto instituição de um

grupo social, se mantém estabelecendo uma relação dialética com o estado, com a igreja e com a cidade. Em verdade, os congadeiros organizados em seus ternos agem e reagem as imposições sociais das várias instituições.

A forma de manifestação religiosa e profana parece ser, antes, um instrumento de reprodução de relações sociais que só parcialmente se realizam na direção daquilo que pressupõe sua capacidade de reação à coerção e controle da igreja e do estado. Capacidade de reação que se tem revelado nos festejos, porém, dependente das possibilidades anunciadas pela pressão política da igreja católica e do estado, e não somente por iniciativa da comunidade.

Procuramos olhar para a família, a comunidade e a festa, pensando nas suas possibilidades de autonomia, as quais existem, mas não se realizam amplamente. Entendemos que existem limites, os quais em função do contexto urbano sofrem mutações e indicam superações de valores e costumes, principalmente, da comunidade e das pessoas que fazem a festa.

Portanto, os ternos de congadas expressam uma realidade em que a unidade familiar e a própria comunidade não se organizam na sua forma clássica ou moderna, mas de diversas formas vêm atingindo novas relações sociais e em grande parte acompanham os processos de desagregação de modos de vida dos próprios congadeiros. A tradição e os costumes manifestam um sentido histórico, pois a sua presença na cidade revela estratégias ligadas ao que diz respeito à transmissão de valores e práticas culturais que de alguma maneira são reinventadas no processo de se ter a festa.

A transmissão de valores acontece no interior da família, mas de uma família do nosso tempo histórico, ou seja, diluída, fragmentada, individualizada, mas que se (re)encontra no processo de se fazer a festa. Trata-se de (re)encontros que antecedem a festa, são realizados para levantar fundos, ensaiar os rituais que vão fazer parte dos desfiles. Como estratégias de manter a festa, os congadeiros procuram manter a reunião familiar, mas já permitem a inclusão de outras pessoas. Nesta perspectiva a Congada se realiza tendo por base a família, porém ela não se restringe a casa paterna.

Para a autora Ellen Woortmann (1995), em “Herdeiros, Parentes e Compadres”, os colonos teuto-brasileiros, imigrantes europeus do Rio Grande do Sul, concebem a família na sua descendência, como sendo uma árvore - tronco. Na cultura dos colonos a árvore tem raízes, tronco, ramos e frutos, privilegiando o tronco que constitui o centro, ou seja, o viés patrilateral. A árvore corresponde aos laços de parentesco, aos descendentes de uma família que constitui uma hierarquia familiar.

Esta classificação serve para pensar o tempo e os seus antepassados que constitui a raiz da árvore, são os imigrantes alemães, os criadores dos saberes teuto-brasileiro. Com relação aos ternos de Congada a família se espacializa em um mesmo bairro, em uma mesma rua. Os membros convivem em um mesmo terreno em casas separadas, chamadas colônias.

A Congada é uma festa oficial dos negros da região do Triângulo Mineiro desde 1872. A partir da migração dos negros da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba para a cidade de Uberlândia, a festa comunitária que se organiza desde a década de 1980, destaca o dinamismo comunitário dos ternos de Congada, sua capacidade de inovação e ampliação da participação de adeptos, suas formas sociais de organização comunitária e sincretismo religioso. Assim, devemos considerar a Congada como um fenômeno que pode ser explicado pela herança cultural histórica dos negros ex-escravos, principalmente da sua região de origem, ou seja, o Congo africano. De fato, em alguns casos, a cultura africana foi determinante na moldagem da atual estrutura social dos congadeiros. É claro que esta manifestação só foi possível pela existência de uma estrutura familiar e comunitária capaz de absorver e reagir às imposições decorrentes dos vários processos produtivos impostos no rural e na própria cidade pelas classes dominantes e suas instituições.

Assim como uma árvore-tronco que corresponde aos laços de parentesco, aos descendentes de uma família, os congadeiros se organizam no interior dos ternos representando os seus antepassados. Na verdade, eles formam vários grupos de pessoas que vivem na cidade, ocupando e desenvolvendo várias atividades, cuja organização política de luta pela manutenção das suas manifestações é fundamental para que a sociedade pense a condição social do negro.

Estamos refletindo a partir de um contingente de descendentes de ex-escravos, porém, neste momento, proletários oriundos de vários setores da economia que ainda contêm, além das chamadas relações tradicionais – mesmo que sejam relações deterioradas – uma estrutura familiar diferente dos proletários das classes populares da cidade, pois os negros conseguem produzir a festa e constituírem-se em força política.

Segundo os colonos teuto-brasileiros, as pessoas são as sementes que irão reproduzir a árvore como um todo e que darão a origem de uma nova casa-tronco, a continuidade da descendência e da família, obedecendo a uma hierarquia familiar, a do pai que representa o poder e à autoridade e depois ao sucessor, o filho homem.

Na vida dos congadeiros, como representantes de uma classe social oprimida que tem na manifestação cultural a expressão comum de um universo repleto de significados, estratégias,

sabedorias e resistências humanas, os valores de origem da Congada nem sempre são reproduzidos pelos seus descendentes.

Em termos das redes sociais promovidas pelas famílias de congadeiros, os moradores de colônias urbanas falam das redes familiares como uma ajuda, como condição e mesmo possibilidade para viver em família, sobretudo no que se refere a redução dos custos de vida, bem como oportunidades de trabalho, de ajuda para enfrentar os momentos de maiores dificuldades.

Continuando esse estudo dos grupos familiares o lugar de moradia vai se estruturando em torno de uma identidade comum construída com elementos culturais que existem no lugar a partir de combinações de relações sociais desencontradas, mas coexistentes na cidade. Essas coexistências promovem metamorfoses de relações no interior da colônia. Cada elemento da cultura material e espiritual tem uma importância na organização das moradias. Na perspectiva de compreender o lugar, Carlos (1996. p.26.) entende que: “O lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos”. Neste sentido, não se trata de pensar o lugar como sendo o espaço da acumulação de riqueza, mas da manifestação do humano. Portanto, entendemos que os lugares da Congada não ficaram vulneráveis a influência direta da cidade moderna.

Esta condição envolve uma possibilidade essencial: vivem numa cidade com ares de metrópole, mas recorrem às redes familiares, sendo, portanto, cotidianamente defrontados com a necessidade de recorrer às casas de colônia, na qual a mais importante é a casa paterna. Nesta condição, os congadeiros são proletários que estruturam sua identidade social na família, adaptando valores, procurando construir estratégias em termos e sentidos que lhes permitam obter autonomia, inclusive para se fazer a festa.

A percepção que o acesso a Uberlândia moderna depende das redes familiares, marca o início de relações sociais da qual os congadeiros não podem abrir mão. Assim, a família dos congadeiros, embora tenham determinações muito fortes no sentido do esgotamento das condições de reprodução dos seus membros, existe uma rede familiar que viabiliza a permanência dos filhos na família por meio da moradia colônia.

Desse modo, a Congada não é somente o elemento ou o instrumento de integração dos negros no meio urbano, mas uma manifestação cultural lastreada na família e nos arranjos espaciais das moradias de seus membros. Nas colônias, existe uma sociabilidade que vai sendo reproduzida a partir da casa paterna, na qual o congadeiro vai criando outras sociabilidades, as

quais acabam por se manifestar na festa. Mesmo na condição de filho, os membros da colônia são sempre autônomos, pois o pai não chega a ser patrão, mas aquele que promove condições de moradia a partir da casa paterna. Neste sentido, a família dos congadeiros, mesmo que residual, vive de um acervo cultural construído no meio rural e transposto para a cidade por relações familiares.

A sociabilidade na colônia se reproduz de valores sociais, seguramente trazidos do rural, portanto, na condição de filhos, os congadeiros se valem desses valores e dos laços familiares para criarem os seus ternos de Congada. Contudo, isso não os impedem de incorporar novos valores. A cidade, portanto, não homogeneiza os costumes dos congadeiros. No processo de realização da festa e de satisfazer suas necessidades a cidade não destrói os costumes e tradições da família.

Na medida em que a comunidade assume a função de fazer a festa, a participação dos seus membros supõe interação, por meio de uma hierarquia familiar, a do pai, como capitão do terno e depois ao seu sucessor, o filho, homem mais velho. Somente na falta do filho homem que a sucessão será passada para a filha mulher, fazendo com que a semente, ou seja, as famílias dos filhos se reproduzam em várias colônias, mantendo aspectos importantes de sua identidade, bem como o nome do terno, as cores do uniforme, as batidas dos tambores e a devoção aos santos.

Desta forma, os congadeiros, no interior dos ternos são capazes de definir papéis sociais, os quais vão ser desempenhados por cada pessoa. Para além de se fazer a festa, a comunidade exerce o papel de tomar decisões, instituindo o comportamento coletivo. Um comportamento simples, posto diante dos outros como doação de vários conteúdos materiais e imateriais relacionados aos costumes e tradições dos grupos sociais que fazem da festa momentos de manifestações da sua cultura.

Como são pessoas que migraram para Uberlândia, em diferentes momentos e de diferentes lugares, os congadeiros e ternos de Congadas são diferentes. Seria mesmo um equívoco imaginar que as festas possam ser criadas como uma manifestação totalmente fiel ao passado das comunidades negras no município de Uberlândia, inclusive a partir das condições existentes no espaço rural.

No dia da festa, a qual ocorre entre os meses de outubro e novembro, as diferenças entre ternos são significativas. Descobrimos que os ternos se organizam em quartéis, estes são as residências dos capitães dos ternos. Na sua organização tem do primeiro capitão, geralmente o

mais velho, o segundo geralmente é o filho e do terceiro até ao sexto, qualquer outra pessoa pode ocupar o posto desde que escolhida pelo primeiro capitão.

Todos os capitães e cozinheiras têm uma função na organização do terno. Os homens representam as lideranças definidas a partir da experiência e conhecimento a respeito da Congada. As mulheres representam conhecimento gastronômico da cozinha da Congada. A primeira cozinheira quase sempre é a mais velha.

Os congadeiros, apesar de suas origens rurais e de certo modo manterem um modo de vida baseado na reciprocidade, eles não vivem dos mínimos vitais. As suas condições de proletários urbanos e de moradores de colônias lhes permitiram rendas que os tornaram consumidores de várias mercadorias, inclusive de serviços. Seguramente, estamos diante de pessoas que conseguem inscrever na festa várias doações, que derivam dos seus ganhos comunitários e salariais.

Recorrendo na prosa lúcida e equilibrada de *Os Parceiros do Rio Bonito* de Antônio Cândido (1977), que analisa a cultura do caipira ligada as formas de sociabilidade e de subsistência que se apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros. Tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio ecológico e social, o caipira se apegou a elas como expressão da sua própria razão de ser, enquanto tipo de cultura e sociabilidade. É na festa que se definem, com base no alimento, relações de solidariedade que reforçam os vínculos de vizinhança, fortalecendo não apenas os que prendem moradores do mesmo grupo, mas os de grupo diferente, acorridos à festa.

Festas, celebrações mobilizavam as relações sociais. O lazer era parte integrante da cultura caipira; condição sem a qual não se caracterizava, não devendo, portanto, ser julgado no terreno ético, isto é, ser condenado ou desculpado, segundo é costume. Na Congada, os sujeitos são proletários urbanos que não perderam as habilidades de se fazer a festa. No entanto, existe na festa um conjunto de princípios morais e éticos que definem limites para permitir a participação das pessoas.

Antes de a festa acontecer, no processo de fazer a festa os congadeiros vão vivenciando a cidade e todos os membros dos ternos vão dançando, cantando para realizar a festa que não é para o homem, mas do homem de cor para os Santos de cor. Sendo para os Santos, não vale ficar atuando somente nos bairros.

As manifestações dos ternos tornaram-se educativas, pois a memória dessas pessoas remontam experiências vivenciadas por outras gerações que se encontram na festa e socializam os seus saberes, costumes e tradições.

No processo de se fazer a festa a comunidade participa na elaboração dos uniformes, na manutenção dos instrumentos. No dia do desfile, a comunidade uniformizada se destaca do público. Depois do desfile os congadeiros e seus convidados se reúnem para um almoço. Portanto, a festa tem seus momentos e em cada momento ela define as formas de participação de seus membros.

As formas de manifestações culturais no espaço, por meio da festa, muitas vezes assumem dimensões gigantescas e a sua possível equivalência, mesmo que aparente, com as formas espetaculares é uma tendência da atual sociedade. Porém a Congada não se restringe ao desfile espetacular das ruas da cidade. Ela enquanto processo vai sendo realizada no decorrer de meses e tem o seu ápice no desfile dos ternos. Desse modo, a congada enquanto criação da comunidade vai sendo realizada no interior da família, dos ternos, tendo como espaço os quartéis, as ruas e o bairro.

Nestes espaços a comunidade reunida em torno da festa consegue realizá-la com autonomia. Tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio comunitário e social, o congadeiro se apegou ao seu lugar como expressão da sua própria razão de ser, enquanto pertencimento, identidade e sociabilidade. No processo de se fazer a festa, a comunidade define, com base na doação, relações de solidariedade que reforçam os vínculos de vizinhança, fortalecendo não apenas os familiares, mas as pessoas que se identificam com a festa.

A Congada não é apenas um desfile de ternos coloridos, ela representa momentos que são capazes de expressar os conflitos da vida moderna, bem como o restabelecimento de certa ordem. Mesmo travestida de espetáculo, a festa acontece em vários espaços do cotidiano urbano, ou seja, nos bairros, nas ruas de Uberlândia.

Amar o congo é uma manifestação de identidade, de estar bem consigo mesmo. É nos rituais que as pessoas se encontram, fazem seus louvores e acabam se aproximando de outras pessoas que muitas vezes nem a conhecem.

Nesse processo de ser aceito e viver sob os mais diversos preconceitos e aceitações, os congadeiros foram desenvolvendo certas sensibilidades para identificar aqueles que aceitam e os que não aceitam o ritual religioso em suas casas.

Continuar com a Congada é ao mesmo tempo um desafio e uma conquista que envolve vencer pesadas imposições sociais, principalmente preconceitos raciais e religiosos. Nas ruas os desafios são conviver com a velocidade dos carros, do desrespeito ao direito do outro frequentar, usar os espaços públicos e manifestar as suas identidades, deixando nelas suas mensagens e suas diferentes formas de viver.

Queira ou não, o espetáculo não anula a festa, pois ela tende a ser um evento que permite ao homem momentos de autonomia, os quais tornam possível estabelecer, mesmo que temporariamente, uma fuga da monotonia da vida moderna. Talvez por isso, ela contenha disfarçadamente ou explicitamente os elementos que permitiriam a estruturação e a regeneração do homem social. Tais elementos, seguramente, são estabelecidos pelas humanidades dos homens, as quais se manifestam no interior das comunidades e dos espaços construídos para se fazer a festa. Portanto, a festa popular persiste e pode ajudar a explicitar a diversidade das relações sociais e as diferentes experiências sócio-espaciais e culturais dos homens em diferentes espaços, inclusive em nossas cidades.

Nos ternos de Congada revela-se que nem todas as comunidades negras estão estruturando as suas manifestações em eventos comprometidos com o espetáculo, apesar da festa da Congada, em alguns momentos, sob alguns aspectos, revestirem-se de forma semelhante.

O conteúdo social de cada grupo de Congada, ou de cada grupo de famílias, pode ser diverso, mas quando há a preparação da festa, a capacidade de envolvimento de cada membro parece se realizar inteiramente a partir da comunidade, ou seja, dos ternos de Congada a que pertencem.

Nos parceiros do Rio Bonito as práticas da solidariedade de vizinhança, como o da oferta de alimentos que se evidencia ainda mais nas festas, principalmente de alimentos raros, isto é: pão nos casos mais modestos, carne de vaca, nos que se podem considerar verdadeiros festins, define a posição social dentro do grupo, fazendo-a depender da possibilidade da troca, da retribuição. Vê-se isto nos casos limites da oferta sem possibilidade de retribuição, em que a troca deixa de configurar-se para dar lugar a assistência.

Na Congada a fartura de alimentos é uma característica marcante, mas que depende de doações da comunidade e de alguns membros externos a ela. As doações que chegam aos quartéis garantem uma refeição diversa e sem restrições de quantidade.

Individualmente nem todas as famílias congadeiras estão totalmente constituídas de capacidade para fazer a festa, para oferecer aos seus membros e aos de fora da comunidade, sob a

forma de doação, os festejos com farturas resultantes do seu trabalho. Esta afirmação pode despertar desconfiança e mesmo ceticismo quanto aos resultados dos festejos. Afinal, os congadeiros fazem parte de um mundo em que as estratégias daqueles que fazem e recebem a festa também recriam relações sociais tradicionais, além de criar relações modernas para se ter a festa. É nesta perspectiva que a festa da Congada parece nutrir-se de costumes e tradições herdadas do passado, ou seja, dos resíduos culturais, mas que na festa sofrem vários ajustes. Para as comunidades, no caso dos ternos de congadeiros, a festa é resultado de inúmeras combinações.

Para os caipiras do Rio Bonito, a atuação da influência urbana, mesmo remota, introduz novos hábitos, as novas necessidades têm grande importância na configuração da mudança de cultura, pois esta se apresenta, sob certos aspectos, como restrição, ampliação ou redefinição de necessidades. Se por um lado o caipira se desprende das técnicas e conhecimentos que constituíam o seu acervo cultural próprio, por outro ele encontra técnicas e conhecimentos novos que, num universo diferente, compensarão a atrofia da sua cultura, pela sua incorporação a uma nova cultura.

Como para a Congada, as festas não são recriadas como uma manifestação totalmente fiel ao passado das comunidades negras, nos preocupamos em pensar as estratégias comunitárias para fazer a festa. Em verdade, estamos refletindo a partir de uma realidade sócio-espacial e cultural que se situa no interior da sociedade uberlandense, e que produziu esse movimento em determinado momento histórico de grave crise social, em um espaço que é urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para poder explicar as realidades das Congadas, seus entraves religiosos, políticos e comunitários, é preciso conhecer as diversas origens sócio-espaciais dos congadeiros. Essas realidades são desveladas quando abordamos a sua complexidade a partir de múltiplas perspectivas. Por exemplo, os congadeiros de Uberlândia têm incluído, no processo de fazer a festa e ocupar os espaços públicos, uma população urbana regional. As suas capacidades de inovações, nas suas práticas cotidianas, e de propor respostas aos apelos individuais e comunitários, os quais estão seriamente comprometidos por várias questões e não são resolvidas ou digeridas apenas pela intervenção da igreja ou do estado. Trata-se de adaptações de crenças e valores que convergem na manifestação do negro na cidade com um ser social, moral, ético e politicamente diferente.

Considerá-lo como diferente, nos fez pensar nas formas e estratégias de fazer a festa. Estamos diante de adaptações que se encontram enraizadas na vida do congadeiro e parecem válidas, sobretudo para pensarmos a cultura material e imaterial das pessoas que fazem a festa. Ao considerarmos as crenças e os sentimentos, o processo de adaptação é mais complexo, como no domínio misto da terapêutica, onde se nota invasão progressiva do comportamento racional, sem, contudo desaparecerem as suas bases mágico-religiosas.

Há interpenetração de planos, em que o passado e o presente, o mágico e o racional se combinam normalmente. Neste sentido, entendemos que no interior do mundo dos congadeiros que fazem a festa existem componentes residuais, ou mesmo parecidos com a realidade da comunidade rural tradicional, principalmente ao ritual sagrado e profano. Quando os negros se convertem em congadeiros, conquistam uma parte importante dos elementos comunitários, ou seja, a igualdade de interesses e a crítica à hierarquização das relações sociais a que estão submetidos. A natureza ambígua da sua condição de marginalizados vai-se manifestar na sua vida social e psicológica. Essa situação de congadeiro cria manifestações de conteúdos políticos de forma crítica em relação ao Estado e a igreja. Em verdade, em relação à religião católica, os congadeiros tendem a certo sincretismo que lhes permitem certa autonomia religiosa e que os distingue da condição de outras pessoas católicas.

No entanto, essas contradições da condição religiosa e social pode ter um aspecto historicamente positivo na desalienação das relações sociais, sobretudo voltadas para a comunidade, a igreja, o Estado e a cidade. Mas não podemos concluir, daí, que essa situação apresente uma positividade, pelo fato de os congadeiros apresentarem resistências culturais que, de certa forma, demonstram sobrevivências dos conteúdos culturais de outras épocas, ou residuais, sobretudo rurais.

Como entendemos que os congadeiros apresentam resistências às imposições da igreja e do Estado, consideramos que lhes são importantes as práticas do sincretismo religioso em seus vários aspectos, principalmente das representações, das opiniões e das crenças, os quais transformam ou tendem a transformar a comunidade, inclusive em força política.

Ao compreendermos que a Congada é uma manifestação cultural de origem rural na cidade, proposta pelos movimentos dos negros de Uberlândia, a sua continuidade depende principalmente do envolvimento comunitário. Como resultado deste processo, temos os ternos de congo, os congadeiros e a festa. Na perspectiva política da festa, temos a manifestação de sujeitos sociais sobre uma forma social inédita, em que o próprio processo de manifestação não vem

somente da história, mas do espaço e nele se encontram as manifestações do rural e do urbano. Neste espaço urbano, onde é mais importante a iniciativa individual, quem mais se identifica com a festa é a comunidade e a sua coletividade.

A Congada revela aspectos da cultura, de algo resultante de um conjunto de práticas que vêm de dentro dos sujeitos, atravessa a sociedade, está nos modos de ser dos congadeiros. Na condição de proletários urbanos, as suas habilidades em fazer a festa continuam e lhes permitem a realização das possibilidades de cultivar suas identidades a partir de costumes e tradições herdados do rural e transpostos para a cidade.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **O folclore brasileiro e a geografia**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros, n.8, jul., 1951.

CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

THOMPSON, E. P.. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo, Companhia das Letras. Introdução e cap.4, pp. 13-24 e 150-202 (notas pp. 429-440), 1998.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo-Brasília, HUCITEC-Edunb. pp. 67-93 e 97-214, 1995.

WOORTMANN, Klaas . **Com parente não se neguceia: o campesinato como ordem moral**, in Anuário Antropológico/87, pp. 11-73. Brasília/Rio de Janeiro, Edunb/Tempo Brasileiro,1990.

Recebido para publicação em 17/03/2013

Aceito para publicação em 07/11/2013